



APRESENTAÇÃO

Pelo buraco da fechadura

Anélia Pietrani*

Escrevo este texto de apresentação de mais uma edição da *Revista do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea* após a derrota da extrema direita nas eleições federais no Brasil. 2022 não foi um ano fácil. Os anos não têm nos poupado. Se a vida cotidiana nos mostra a importância destinada à cultura, à arte e à literatura, uma certa política sórdida relega a elas um papel cada vez mais insignificante. Teremos de volta o Ministério da Cultura? A Biblioteca Nacional tornará a abrir editais para a tradução da literatura brasileira e sua divulgação em países estrangeiros? O programa Idiomas sem Fronteiras se fortalecerá? As universidades públicas brasileiras serão respeitadas em sua autonomia, laicidade, gratuidade? A taxação de livros será revertida? O direito à leitura será democratizado? A razão estética será compreendida? A fome do corpo e do espírito, finalmente, será vencida? Com vírus e vermes sempre à espreita, queremos enxergar pequenos pontos de esperança pelo buraco da fechadura.

Um deles é a revisitação do passado. As obras de autoria feminina contemporânea têm muito a oferecer para a revisão

* Professora Associada de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

de nossa história, construída sob o signo da violência. No romance *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas*, de 2002, por exemplo, Maria José Silveira resgata o passado de silêncio de várias gerações de mulheres a partir do século XVI até nossos dias, refletindo sobre ele dentro de um novo contexto, o feminista, e colocando em pauta a violência hegemônica infligida às mulheres. Identificando as estratégias literárias que dão visibilidade à voz da mulher nessa obra de revisão histórica, Carlos Magno Gomes e Elane da Silva Plácido constroem o primeiro ensaio deste volume, sob o título “O resgate de vozes femininas no romance de Maria José Silveira”.

Janaína Buchweitz e Silva, em “50 anos da Guerrilha do Araguaia: uma herança a ecoar no tempo presente”, faz um breve mapeamento de produções literárias recentemente lançadas sobre a Guerrilha do Araguaia, que completa cinquenta anos em 2022, e analisa quatro produções que têm como tema o genocídio de militantes e camponeses perpetrado pelas Forças Armadas do Brasil: *Azul corvo*, de Adriana Lisboa, publicado em 2010; *Palavras cruzadas*, de Guiomar de Grammont, de 2015; *No fundo do oceano, os animais invisíveis*, de Anita Deak, de 2020; e o testemunho de uma familiar de desaparecido político lançado em livro em 2012 por Liniane Brum: *Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia*. O ensaio reforça que a literatura contribui para o aprofundamento de saberes sobre os esquecimentos engendrados em nossa história, atuando ainda como um arquivo dessa memória.

Esse ponto se abre a outro: o da poética da experiência. Em “Diálogos entre a *indianidade* de Graça Graúna e a *escrevivência* de Conceição Evaristo: a experiência em pauta”, Karine Aragão dos Santos Freitas destaca de Graça Graúna o termo *indianidade* e de

Conceição Evaristo o conceito de escrevivência, colocando-os em diálogo para pensar a necessidade de uma democracia epistemológica em que se assentem as vozes da mulher indígena e da mulher negra no mundo experienciado e na experiência da escrita.

O trânsito em mão dupla entre experiência e escrita, de certa forma, permanece naquilo que Tânia Maria de Mattos Perez chama de “escrita memorial” em Sérgio Sant’Anna. No ensaio “A escrita autorrepresentativa, performática e memorial de Sérgio Sant’Anna em *O conto zero e outras histórias*”, a autora faz uma leitura minuciosa de dois contos de Sant’Anna, destacando que a autorreferencialidade em suas narrativas integra o jogo ficcional entre rememoração e imaginação. O contista que, dentro do conto, deseja escrever um conto, em “O conto zero”, e a paixão do contista Sérgio Sant’Anna por Clarice Lispector, em “A bruxa”, são apenas ponta de lança dos elementos determinantes da performance escritural empreendida pelo mestre do conto, morto de Covid em 2020.

Texto de reflexão e fruição, a um só tempo, também pode ser um ponto de visão. É o caso do ensaio de Marta Maria Crespo Rodriguez, intitulado “Da masculinidade detetivesca à instabilidade de Espinosa”. Afirmando que o gênero policial é essencialmente masculino e que à figura do detetive costumam-se atribuir certos ideais canônicos de masculinidade, racionalidade, valentia, virilidade e força, a autora se propõe a questionar os estereótipos, mostrando a instabilidade desses ideais. Para tanto, faz um percurso pelos personagens da tradição detetivesca para, finalmente, explorar o detetive Espinosa, do romance *O silêncio da chuva*, de Luiz Alfredo Garcia-Roza. O detetive contemporâneo, represen-

tado por Espinosa, se apresenta instável e multifacetado, e, nessa subversão, acaba por ressignificar o masculino.

O olhar atento dirigido à poesia guia o último ensaio deste número. Em “A educação pelo aríete: uma leitura da poesia de Ricardo Vieira Lima”, Thales Sant’Ana Ferreira Mendes analisa o livro *Aríete: poemas escolhidos*, de 2021, que finalmente Ricardo Vieira Lima traz a lume, após seus poemas atravessarem 30 anos em revistas, coletâneas, cadernos escritos e reescritos. O cerebralismo do poeta na seleção de poemas e publicação de *Aríete* conflui com o do ensaísta, pela análise percuciente que fez, não só do processo de composição do livro, mas de cada uma de suas partes em relação aos poemas que as compõem.

A reflexão sobre a atualidade da cena poética também ganha força com a entrevista concedida pelo poeta, crítico literário, professor universitário e ensaísta Adriano Espínola e pelo também poeta, professor universitário e editor Augusto Massi. “Diversidade é o que há” é o título da conversa nem um pouco fiada, mas muito afiada e otimamente humorada que eles tiveram com a professora Maria Lucia Guimarães de Faria por ocasião do X Encontro do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea realizado na Faculdade de Letras da UFRJ em 2019. O tema da diversidade foi tratado não apenas como os caminhos que o fazer poético oferece, mas também os do próprio escritor que se mete nas encruzilhadas de criação, crítica, editoração e ensino.

Integram, ainda, esta edição três resenhas sobre três livros que, guardadas suas especificidades formais e temáticas, apresentam em comum a ideia de reunião. A poeta sul-matogrossense Raquel Naveira recolhe de outros livros seus poemas

da memória lusa, da memória de sua terra brasileira, de sua própria memória e reorganiza-os na obra *Poemas portugueses*, de 2019, sobre a qual escreve Ana Aparecida Arguelho de Souza em “A ancestralidade poética de uma fiandeira de alma lusitana”.

As narrativas de Denísia Cruz são o motivo da resenha “A sabedoria e a cultura Kariri Xocó”, de Janda Montenegro. Como destaca a resenhista, Denísia Cruz partilha o processo de aprendizado, cura e identificação de seu povo com o/a leitor/a por meio dos saberes e ensinamentos narrados pelos mais velhos aos mais novos, que ela recolheu e redigiu para a coletânea *Kariri Xocó: contos indígenas*, de 2019.

Por fim, em “Para desencarcerar o coração de um país”, Marcos Estevão Gomes Pasche trata do livro *Poemas para exumar a história viva: um espectro ronda o Brasil*, uma “assembleia” – termo de Pasche – de poesia, urgente e decisiva, publicada por Alberto Pucheu em 2021. “Em lugar de documentos/ deixaram-me a marca/ amarga no rosto”, diz Lara de Lemos no poema “Degredo”, um dos selecionados por Pucheu para unir-se a outros tantos poemas escritos por militantes políticos brasileiros, homens e mulheres, que transformaram compromisso moral em literatura. Há visíveis pontos de esperança pelo buraco da fechadura.